

Formação Integrada: do sonho à realização¹

Virginia Ungar²

Boa noite a todos!

Vou falar devagar. Vocês sabem que eu compreendo português, mas não me atrevo a falar. Sou um pouco exigente e não conheço a gramática. Conheço português pelos anos em que viajei, sobretudo a Porto Alegre. Ana Rosa (*Ana Rosa Trachtenberg*) vai confirmar. Foram cerca de três anos, entre dois anos e meio e três anos, em que viajava todos os meses para um projeto em conjunto com a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Eu ministrava seminários, tinha vários grupos de estudo e me convidavam a participar das reuniões de analistas de crianças e adolescentes, seguramente Ana vai recordar.

Há pouco, quando falaram 2002, fiquei impressionada, porque ainda lembro do começo, das reuniões em que conversávamos sobre qual nome colocar. O que você disse, Silvia (*Silvia Brandão Skowronsky*), para mim é muito emocionante que estejamos juntos. Somos colegas, mas somos amigos. Muitos de nós são amigos. Com Ana e Renato, o início da amizade foi anterior, porque eles viveram em Buenos Aires, assim como com alguns outros de vocês que também viveram em Buenos Aires. Eu, Ana e Renato começamos a amizade antes dos anos de formação. Isso que disse a Silvia foi muito emocionante, porque estão aqui reunidos colegas e amigos, pessoas com quem compartilhamos e continuamos a compartilhar caminhos em diversos espaços, em distintos lugares, em distintas cidades do mundo. E agora, durante a pandemia, de maneira virtual, continuamos juntos, porque a psicanálise está muito viva e é muito necessária neste momento.

¹ Evento realizado em 21 de outubro de 2020, em comemoração ao reconhecimento que a SBPdePA recebeu pela IPA para a Formação Integrada em Psicanálise de crianças, adolescentes e adultos.

² Médica e psicanalista. Membro titular com função didática da APdeBA. Presidente da IPA.

Não me façam falar agora da psicanálise de crianças e adolescentes porque começo e não paro. Estou muito contente de estar com todos vocês, com meus amigos, com Sergio Nick e Nilde (*Nilde Parada Franch*). Eu e Nilde nos conhecemos em 1997-1998 e começamos a trabalhar juntas no início do COCAP (*Comitê IPA de Psicanálise da Criança e do Adolescente*), comitê do qual Nilde agora é a coordenadora e chair. E tenho as lembranças da sede anterior, lembranças muito vivas, e de todas as reuniões, de todo o trabalho, do estudo, das reuniões científicas mas também dos jantares, das reuniões na casa de vocês.

De muitos de vocês, conheço a família, o marido, as mulheres, os filhos. Bom, também os netos depois. Agora o que eu digo é isso: eu estou muito contente por terem me convidado a festejar com vocês. É um acontecimento o programa de Formação Integrada ter sido aprovado. É um sonho que temos há muito tempo e que vai se tornando realidade. É uma grande alegria podermos celebrar juntos.

Entrevista

Vera Maria H. Pereira Mello – Historicamente, a psicanálise de crianças e adolescentes foi tratada como uma psicanálise menor. O reconhecimento pela IPA do psicanalista da infância e adolescência só veio em 1997. Neste cenário, como foi a gestação da ideia da Formação Integrada dentro da IPA? O que é formação integrada?

Virginia – Obrigada, Vera. Eu não podia imaginar que me emocionaria tanto. Eu passo as telas (*da plataforma pela qual acontece o encontro virtual*) e vejo todos vocês, com quem compartilhei muitos momentos. Alguns não abriram a câmera, mas eu vejo os nomes. Eu gostaria de cumprimentá-los um por um, mas já somos aqui 138, então, eu não conseguiria. Mas eu posso dizer a vocês o quanto para mim é emocionante compartilhar esse momento com amigos e amigas. Muitos de vocês são parte da história, não somente da psicanálise de crianças e seu lugar na Sociedade Brasileira, mas também são um componente importante da psicanálise de crianças e adolescentes que eu vivo, assim como está cada vez mais viva a psicanálise de infância e adolescência, cada vez ser mais necessária.

Quero agradecer a generosidade com que falam sobre mim, o que me põe um pouco ... não exatamente incomodada, agradeço muito, porque também faz bem receber esse tipo de carinho e de amor que vocês estão me dando e me faz lembrar todo o trabalho.

É verdade que eu tenho uma grande capacidade de trabalho e isso se mantém bastante estável, embora vão passando os anos. Sergio é a testemunha mais próxima disso. Gosto que me agradeçam porque há outros que me criticam, inclusive minha própria família, por eu estar todo o tempo me dedicando à psicanálise. Mas não sinto que seja um esforço de minha parte. Não há muitas outras coisas que me interessam... Então, não sinto que estou ocupando um tempo que poderia dedicar à outra coisa. Eu gosto de arte, de cinema, poesia, literatura mas não sinto que estou perdendo algo, ou meu tempo. Faço o que eu gosto e acho que é a única ... não que queira me tomar como exemplo... mas acho que nosso único motor é a paixão por aquilo que fazemos. A minha paixão pela psicanálise e pela psicanálise de crianças e adolescentes não só continua intacta, mas acho que aumentou, apesar de todas as dificuldades.

Vera traz isso em sua pergunta: a psicanálise de crianças e adolescentes ter sido por muito tempo tratada como uma psicanálise menor. Nilde nos disse, muito precisamente, sobre as resistências. As resistências existiram e ainda existem. Resistências que podem ser vistas como políticas, mas que são resistências ao infantil de cada um. As resistências são colocadas em jogo frente ao contato com o infantil.

Por isso estou muito feliz, além de ser uma das poucas decisões que eu pude tomar como presidente da IPA (*International Psychoanalytical Association*), ter decidido o título dos dois congressos, que naturalmente não realizei sozinha, o fiz com Sergio, não é que eu tomei a decisão sozinha. Com Sergio, sempre encontrei ressonância, porque somos dois analistas de crianças e adolescentes que estamos liderando a IPA neste momento – e isso não é pouco. O (*tema do*) primeiro dos nossos congressos foi o feminino.

Depois de consultar os nossos colegas, mais especializados, surgiu o feminino e assim fomos pelo infantil, e Sergio é testemunha de que não foi tão fácil. Eu sei que estou desviando a resposta, mas tenho que falar das resistências... Não foi fácil porque surgiram obstáculos do tipo semânticos e de linguagem. Uma das objeções que encontramos para colocar o título do infantil foi que nos disseram que, em inglês, infantil soava pejorativo. Em espanhol se diz pejorativo, depreciativo...

Eu continuo pensando que não é só uma questão de linguagem, mas também uma resistência a tomar contato com o infantil. No espanhol e no português se usa: “Não seja infantil!”, como se fosse algo negativo. Mas não tivemos depois tanta resistência e se aceitou. Sergio montou um comitê, um programa estupendo, então, o tema foi bem-vindo.

Mas sobre a psicanálise menor, eu vou dar um exemplo. Eu fui a congressos internacionais desde que era candidata – talvez, a apenas um (ou dois) que

não tenha ido. Neles, o lugar da psicanálise de crianças era o domingo. Podia acontecer pela manhã ou à tarde, mas era no dia em que a maioria das pessoas já tinha se retirado ou escolhido percorrer pontos turísticos ou mesmo voltado para sua casa. Isso era um sintoma, um sinal do lugar que se dava à psicanálise de crianças e adolescentes, apesar de ela ter uma história muito antiga.

Sempre se diz que nasceu de um pai e duas mães: Melanie Klein, Freud, por certo, e Anna Freud. Nos anos 1920, já estavam não só trabalhando mas escrevendo e publicando. Sempre houve analistas de crianças, trabalhando, mas essa psicanálise não encontrava um lugar na estrutura orgânica, no organograma da IPA até 1997, quando foi criado o comitê de psicanálise de crianças e adolescentes. Em 1998, começamos a trabalhar. Eu digo começamos porque me convidaram. Não sei se vocês sabem mas Anne-Marie Sandler foi a primeira *chair* do comitê. Depois de um tempo, ela renunciou e assumiu o Johan Nolman.

Mas a primeira *chair* de todas foi a Anne-Marie Sandler. Então, começa a ter um lugar na estrutura orgânica da IPA e isso foi muito importante. Mas demorou muito, pois a IPA foi criada em 1910. Assim como demorou até 1998, para criar o comitê, e até 2015 para ter uma presidente mulher. São tempos que têm a ver com variáveis muito estudadas por aqueles que se dedicam à biopolítica, e não vamos nos ater nisto, mas esta é a história.

Então, deixou de ser algo pequeno, como uma criança, e entrou na estrutura orgânica, se formou o comitê e tiveram início os trabalhos. Como lembrou Ana Rosa, e Nilde se lembra também, eu fui convidada como membro pela América Latina quando Susana Lustig foi a *co-chair* pela América Latina, Nilde pelo Brasil, Liliana Pualuan pelo Chile, pela América Latina. E também Maren Viñar. Era um comitê muito grande nessa época. E aí nasceram amizades que duraram para sempre. Nossa união, minha com Liliana, com Nilde e com Maren Viñar, chamamos de “as bruxas”. E depois seguimos trabalhando até que tomei a presidência e também a do comitê de Formação Integrada. Aí terminou meu ciclo, porém Nilde está desde essa época.

Eu vou contar rapidamente como surgiu a Formação Integrada. Em 2009... eu não sou muito boa para as datas, mas em 2009 chegou ao Board uma proposta do que se chamou Child Only Training, ou seja, formação focada somente na psicanálise de infância. Essa proposta foi discutida longamente no Board. E se votou contra, quase que de maneira unânime, autorizar uma formação só de infância. Se votou contra por muitas razões, entre as quais, porque nós, analistas de crianças, também trabalhamos com pais. Temos que ter alguma experiência em análise com adultos. Não vou dar-lhes todas

as razões, mas eu quero dizer-lhes que é uma história longa. Na raiz dessas discussões, surgiu a ideia de uma formação integrada e foi montado o que se chamou de um Board Working Group. Ou seja, um grupo de membros do Board que estudasse a questão da possibilidade de fazer uma formação integrada.

Quando nós terminamos nosso trabalho, essa pequena comissão sugeriu ao Board que fosse criado um comitê de Formação Integrada do qual eu fui a coordenadora e entre os membros estava Madeleine Bachner, pela Europa, eu não quero esquecer de ninguém... depois estavam Peter Blos Jr., que tinha sido *chair* do COCAP, Silvia Flechner, pelo Uruguai, Florence Guignard, pela França... e também foi solicitado ao comitê de Educação que nos indicassem um nome... Schmuël Erlich que muitos de vocês devem conhecer. Nesse momento, ele era o coordenador do comitê de Educação e disse que tinha interesse em participar desse comitê.

Aí deu nascimento à possibilidade de que o Board aprovasse uma formação integrada de infância e adolescência, que acabou aprovada em partes: em 2013 e em 2015 (ou em 2016, existe essa possibilidade). Para dar a vocês alguma ideia e não falar muito tempo, porque se me deixarem falar... quando me entusiasmo, falo sem parar. A ideia mais importante a transmitir é a convivência comum das duas formações, de infância/adolescência e de adultos, em uma sociedade ou em um instituto. O que é importante e quero destacar é que seja algo opcional, que não seja algo obrigatório. Eu sempre sou a favor de que seja opcional, isso também passa pela observação de bebês, que é outro tema sobre o qual eu gostaria de falar em algum momento, mas a ideia do opcional tem muitas vantagens.

É interessante que se possa assistir a seminários, grupos de supervisão ou da forma que desejar, tanto analistas em formação como também analistas que não trabalham com crianças, que possam ter essa experiência. De qualquer forma, eu sempre recomendo que ao menos tenha alguma experiência, por tudo o que traz a prática da psicanálise de crianças e adolescentes.

Além disso, de não ser obrigatória, que cada instituto e cada sociedade tenha a liberdade para projetar o programa como quiser, seguindo alguns mínimos parâmetros. E foi isso o que se aprovou, finalmente, em 2016: um programa modelo, no qual o mínimo de requisitos relacionados a supervisões, número e duração de supervisões e outros detalhes... Então, tem um modelo mas cada instituto ou sociedade tem a liberdade de projetar o próprio.

Mayra Lorenzoni – Na sua visão, qual a importância do estudo do desenvolvimento emocional desde o primitivo, incluindo a observação pais-bebê, para o aprimoramento do olhar e da escuta na formação de um analista? Qual a vantagem desse modelo?

Virginia – Obrigada, Mayra, e obrigada também pelas lembranças. Me parece importante que... Sergio relatou que começou com adultos... eu comecei já trabalhando com crianças antes mesmo de ser membro da minha sociedade.

Desde o início, lá havia um grupo muito grande de analistas de crianças. Isso foi uma grande vantagem. Outro ponto lá foi que uma das supervisões oficiais era a análise de uma criança. Essa foi a minha experiência. Minha supervisora foi Ana Kaplan e tinha grandes professores de psicanálise de infância. Então, eu comecei com infância e depois comecei a trabalhar com adultos. Uma das minhas histórias como psicanalista, imaginem que eu começara havia pouco tempo, e vinha a criança, vinham os pais e tinha uma entrevista no final, e então o pai me pergunta: “quanto são seus honorários?”. E eu disse um valor. E ele disse: “Você cobra o mesmo de uma criança o que cobra de um adulto?”. É um caso que pode soar brincadeira, piada... demonstra que uma pessoa, um pai, e não um analista, considera a criança como algo menor, que não configura uma hora de trabalho, que não tinha como cobrar honorários. Mas eu acho que o trabalho com crianças, e depois vou falar um pouco sobre a observação de bebês, oferece um acesso imediato ao mais primário e ao mais primitivo de todos os seres humanos. E nos dá um acesso direto, não temos que estudá-lo, não temos de lê-lo, porque predomina a ação.

Acho que os maiores desafios que tive em minha vida como analista tem sido na psicanálise com crianças. Desde que me trouxeram um coelho, que começou a comer minha cortina, e eu nunca mais tive cortinas, até ter que atender crianças que vieram doentes, vomitando... Tenho muitos casos, histórias... elas ensinam mais de teoria e técnica do que qualquer outra experiência. Por outro lado, não temos acesso aos níveis mais primários da emotividade, aos níveis que se tem na mente, em que há uma força tanto libidinal como agressiva...

É realmente importante, temos que nos envolver... Com os adultos, nós oferecemos a nossa mente. Eu sempre digo que emprestamos nossa mente, e em pacientes com distúrbios de desenvolvimento oferecemos diretamente nossa mente para ser trabalhada.

E com crianças oferecemos também nosso corpo... isso sem mencionar pacientes com distúrbios de desenvolvimento graves, como crianças autistas. Tenho experiência de trabalhar com eles.

É um ensinamento que com uma leitura de artigos não é suficiente. Por isso recomendo... Com essa experiência vamos ter muito mais recursos na análise de pacientes mais graves, mas também de pacientes neuróticos. Algo como disse Nilde, que a mim parece muito importante: aprendemos a falar de uma maneira simples e direta, sem reviravoltas. Quando me perguntam: “como você é capaz de transmitir ideias profundas e difíceis com uma linguagem que parece simples, mas que está dizendo coisas muito profundas?”. Eu respondo... porque sou analista de crianças, eu falo assim, como estou falando com você agora, como falo com um paciente...

Então, a linguagem que usamos com pacientes adultos é muito mais acessível, e não é porque nós falamos fácil. Eu não falo de coisas fáceis, eu falo de coisas difíceis de uma maneira acessível – e isso eu acho que também posso fazer quando eu transmito teoria ou clínica.

Vamos falar um pouco sobre o lugar da observação de bebês. Vou compartilhar um segundo caso. Fazia muito tempo que queríamos começar a experiência de observação de bebê, que havia se visto na APA (*Asociación Psicoanalítica Argentina*) há muito tempo, e nós não conseguíamos... como sempre, encontrávamos resistência... estou falando de minha Sociedade... Então, íamos à diretoria e pedíamos... mas éramos analistas em formação.

Vocês sabem que Meltzer veio à Argentina cinco vezes? Eu me lembro quando estive em Porto Alegre... lembrança feliz, porque nós viajamos com alguns amigos, e há boas lembranças com Ana e Renato. Saímos para comer com Meltzer e sua esposa ... Então, em uma das visitas, nós caminhávamos para o restaurante ao meio-dia, eu estava atrás dele, e comecei a me queixar sobre querer fazer a formação (*para a observação*) de bebês e não conseguir... E ele se virou, me olhou e me disse “Virgínia, pare de se queixar e construa sua própria tenda”. E isso teve um impacto tão forte em mim... impactou em tudo, não só na minha profissão, mas na minha vida. Eu nunca fiz análise com ele, estudei ou supervisionei, mas mudou minha vida, mudou minha maneira de pensar não só a psicanálise, mas também a vida.

E tudo isso me estimulou. Montei a tenda, o grupo. Chamei amigos, amigas... e nós montamos cinco grupos, nós éramos 20 pessoas. Supervisionávamos por fax primeiramente, porque não havia internet. Cada um de nós teve um bebê e por um ano e meio fizemos isso. Agora, se você me pergunta “Qual é o valor da observação de bebês?”, penso que cada um de nós que tivermos a experiência dará um valor subjetivo, pessoal. Para mim, é recuperar a capacidade de observação, porque eu acho que todo bebê nasce com uma grande capacidade de observação. Vejam como são os bebês, como olham para nós, como seguem a voz da mãe,

como olham para os pais e seguem os movimentos dos irmãozinhos... e eu acredito que o preço que pagamos para entrar na cultura é ir perdendo a nossa capacidade de observação. Para mim, essa é uma capacidade fundamental. Para a psicanálise e para a atitude analítica, é fundamental recuperar a capacidade de observar. E aqui eu volto a algo que disse Nilde... por que essa discussão (*sobre*) se é escuta ou se é observação, seguindo o Canal da Mancha, que naturalmente separa a França da Inglaterra, me parece que não faz sentido porque as duas coisas vão juntas, não entro neste tipo de discussão, não me parece interessante.

Como também não parece interessante se é mundo interno ou mundo externo, também não parece interessante neste momento decidir se levamos ou não em conta o contexto, porque nenhuma psicanálise, agora em 2020, pode continuar crescendo, fortalecendo, se não considerar contexto e cultura, são marcos na história da psicanálise. Portanto, concordo com Nilde. A escuta e a observação... há pessoas que gostam de seguir a observação de bebês porque obtêm dados sobre o desenvolvimento infantil ... E está tudo bem, mas não é minha parte. Acho que faz parte do treinamento de psicanálise e seria ótimo se pudesse fazer, não sei se ainda é assim, mas fazer um ano de observação antes de fazer outros seminários. A mim me parece fundamental. Mas, novamente, não acho que tenha que ser obrigatório, tem que ser algo que se escolhe porque se quer fazer. Na *Sociedade da qual sou membro* nunca foi obrigatório, mas nós sempre fazemos. Agora, quando eu terminar a presidência, vou voltar. Isso é comum. Esse seminário não termina, e eu gosto, porque assim continuamos em contato com o infantil.

Eluza Enck – Qual a importância do infantil, que não é o mesmo que infância, para a psicanálise?

Virginia – Obrigada, Eluza. Sim, o conceito de infância tem a ver com o infantil, mas não é a mesma coisa. É importante saber que o conceito de infância tem a ver com a interação, com qual é o conceito de criança que cada época tem, e precisamente a infância é a criança em interação com o contexto histórico, e o que poderíamos chamar, mas que já não é mais usado configurá-lo assim, de os códigos da época. Ou seja, a infância de Juanito, naquela única sessão que Freud teve com a criança, dizem que foi a primeira sessão de psicanálise de ligação, porque vocês sabem, ele já estava falando com o senhor Gray, mas Juanito fez observações inesquecíveis. Ou seja, a criança e a infância da era moderna, em plena era vitoriana onde nasce a psicanálise, é muito diferente da criança de hoje. É muito diferente o ambiente em que vive, a

interação com a família, o conceito e a configuração de família, onde o homem tinha um papel central, a mulher não tinha o papel central. Quando alguém me pergunta por que demorou tanto tempo para uma mulher ser presidente da IPA, ora, porque era impensável noutra época pedir a uma mulher para se tornar presidente. Acho que é bom fazer perguntas a Freud, e até mesmo criticar, mas não pedir a Freud mais do que era possível. Então, quando você critica Freud no sentido do lugar das mulheres, parece-me que você o tira do contexto histórico.

O mesmo acontece com a infância. A infância tem a ver com a interação das crianças com a cultura e com o ambiente de seu tempo. O infantil é um conceito que ... não, é uma noção que temos que conceituar/contextualizar. Sergio é o responsável pelo Congresso de Vancouver, que tem como tema “o infantil”, seguramente ele poderia, se tivermos tempo, dizer algo mais porque estão debatendo a pleno neste momento, muitas propostas que chegaram estão sendo avaliadas ou estão sendo criadas. Mas se você me perguntar sobre o infantil (*no mundo*), já estão organizando atividades todos os anos acerca do infantil em diferentes sociedades, e vai ser uma tarefa para o congresso conceitualizá-lo (*o infantil*), porque não é um dos conceitos fundamentais, nem vou fingir que não seja da psicanálise. Mas seria bom poder conceituar em termos, não sei se apenas metapsicológicos, mas fazer uma conceituação e há autores que estão neste caminho. Florence Guignard é um exemplo deste trabalho.

O infantil é aquilo que nós, através do trabalho com pacientes em psicanálise de qualquer idade, tratamos de trabalhar para que o infantil seja acessível. Porque habitualmente o temos muito dissociados. Há de se ser acessível. É só uma ideia minha, que me atrevo a dizer assim: tê-lo acessível a nós nos permite poder ser criativos, ser apaixonados...

No (*berço, lugar*) infantil está a possibilidade de ser criativo. E também nisso tem influência as ideias de Meltzer, vocês provavelmente sabem, porque alguns de vocês fizeram os seminários sobre ele. Ele propõe que a transferência emana dos aspectos infantis da personalidade. Então, ele dá um lugar ao infantil, muito maior do que outros autores ao dizer que de onde emana a transferência é do infantil. E o que nós, psicanalistas, trabalhamos são as dissociações que tornam o infantil inacessível, com a qual a pessoa/persona... o paciente qualquer que seja a idade não está em contato com o criativo. E aqui podemos citar muitos autores, especialmente Winnicott com seus conceitos, sobre a importância do brincar, porque esse é nome de play, jogar/brincar a realidade, não é um jogo da realidade, é jogar/brincar e a realidade, a capacidade do jogo/brincar.

E vocês sabem que Freud, no artigo O poeta e a criação artística (*Escritores criativos e devaneios*), eu acho que é esse nome, diz que a criatividade do poeta nasce como herdeiro do jogar/brincar da criança... Eu estou dizendo alguns dos assuntos que são importantes.

Acredito que qualquer que seja a idade do paciente temos de trabalhar nisso, na dissociação que é feita do infantil e que nos permite jogar/brincar, trabalhar, porque trabalhar é jogar/brincar, brincar é trabalhar, e faz nos cercar de paixão pelo que fazemos. Bom, essas são algumas ideias.

Marlise Albuquerque – Como pensa a importância da ação da psicanálise e do psicanalista na comunidade, em especial na área de infância e adolescência?

Virginia – Obrigada, Marlise. Eu me lembro muito bem, inclusive quando você falou sobre a supervisão, eu tenho a memória do lugar em que nós estávamos na supervisão, em uma das alas da Sociedade, um momento muito agradável.

Como vocês sabem, com Sergio nós apresentamos um projeto que foi aprovado e que está desenvolvendo de uma maneira incrível, chamado A IPA na Comunidade. O que fizemos foi apresentar uma nova estrutura na IPA. É uma estrutura enorme, e vocês provavelmente já a conhecem, mas a base da nossa proposta foi justamente que a psicanálise, uma vez que se pode internalizá-la, através de uma boa formação analítica, também nos permite utilizar esse método analítico que está tão comprovado e que deu tantas provas de sua eficácia, também pudesse ser introduzido na cultura/comunidade.

Mas isso nem preciso explicar, porque Argentina e Brasil não necessitam explicar como a psicanálise entrou na cultura/comunidade. Mas não é assim em todos os lugares e em todo o mundo. Em alguns lugares, levou mais tempo... há muito o que se fazer.

Mas a ideia central era que o método analítico não precisa ser confinado apenas aos nossos consultórios. Sempre vai ser assim... A formação e a prática em que fomos treinados foi para fazer psicanálise individual ou grupal ou familiar. Mas, uma vez incorporado, podemos levar o pensamento analítico e a forma de trabalhar para a comunidade. Não esperar que eles cheguem a nós. A ideia é levar, e há muitos comitês, há muito trabalho sendo feito, e a prova disso foi que, em Londres, Sergio veio até mim, para o congresso, falou “Virginia, o que você acha de oferecermos um prêmio?... Eu... prêmio? Pensamos... mas como? Prêmio? Como vamos apresentá-lo? Sergio insistiu, insistiu e por sorte

saiu vitorioso nisso. Felizmente fomos os vencedores porque o que aconteceu é que recebemos cerca de 130 propostas. Elas serviram como um mapa que nos mostrou como a psicanálise funciona em todo o mundo...psicanálise na educação, na saúde, com a violência, a lei e a cultura, com migrações e refugiados.

E o último comitê que entrou é sobre mudanças climáticas. Na pandemia, agora, mais do que nunca, vimos como todas as sociedades do mundo, praticamente, principalmente as da América Latina, oferecem ajuda gratuita à comunidade, com linhas telefônicas de ajuda... Em minha sociedade, realizamos todas as sextas-feiras, por exemplo, um fórum para pais. Eu poderia falar muitas horas sobre isso mas vou encerrando aqui, me parece que isso é uma prova viva. E nós vamos novamente abrir a chamada para os prêmios, certamente.

Ângela Piva – Como está vendo o desenvolvimento do estudo e da prática da psicanálise ao redor do mundo?

Virginia – Que bom ver você, Ângela. Eu também tenho um grande prazer em poder ouvir e ver você, como estamos vendo a todos, pelo que podemos fazer, somos privilegiados também. Neste momento em que há tanta falta de trabalho, tanto drama, porque essa é uma crise humanitária, não queria deixar de dizer isso. A psicanálise é muito necessária e podemos oferecer ajuda. E é nesse sentido que temos um grande privilégio em relação a outras situações, em que milhões de pessoas ficaram sem trabalho, em distintas realidades que são muito difíceis de enfrentar. Temos que fazer, a psicanálise pode ajudar. Eu gosto dessa pergunta, Ângela, porque sempre viajei muito, convidada por sociedades... conheço várias sociedades em diferentes partes do mundo, acho que o interesse está crescendo... até posso dar exemplos, mas não sei se vem ao caso.

O interesse está crescendo. Seguramente, Nilde pode falar um pouco sobre isso, sobre quantos pedidos chegam de programas de formação e da importância que a psicanálise, que a palavra da psicanálise tem, para a infância e a adolescência, em um mundo tão difícil. Já era difícil antes da pandemia e agora é mais difícil.

Então, se você me perguntar, acho que estou vendo muito interesse, muita necessidade e muito mais proximidade do que fazemos no trabalho ... Não é só um comitê na comunidade, é uma estrutura com muitos comitês dentro e muitos subcomitês. Tem muita gente trabalhando. Vocês podem ver, por exemplo, toda a série de podcast, vocês podem ter acesso para conhecer esse trabalho. Eu acho que a psicanálise de crianças e adolescentes é muito

necessária para a sociedade, para a cultura e para o mundo em que vivemos, de uma realidade muito difícil. A palavra da psicanálise é muito necessária. Não só palavras para transmitir o conhecimento, mas a escuta, a possibilidade de trabalhar com pais, de trabalhar com professores, com o pessoal de saúde...

Desde que começamos a saber sobre a pandemia, quando começou na China, há grupos que estão divulgando a psicanálise em Wuhan (*epicentro da pandemia*). Não estou dizendo que haja formação em Wuhan, ainda que se esteja por começar um grupo de estudo, um comitê China, mas encontramos pessoas que cada um de nós podia ajudar pessoalmente. Aí foi a grande surpresa. O pessoal da saúde estava em um estado de choque e com (*alto*) nível de demanda... e então seguimos a trajetória do vírus: na Europa, Itália... e agora está golpeando forte a América, principalmente a Latina e a Sul-americana. Mas são esses os momentos em que você vê quanta necessidade há de estar perto dos pais, dos professores, dos doutores, das enfermeiras, da lei... Esse é um campo que Sergio conhece muito mais que eu, porque ele trabalha com o tema da psicanálise e do direito... Como a violência cresceu nos últimos tempos e também durante o covid-19...

E também tenho que dizer, com muito orgulho, que em junho criamos um projeto intercomitês para o estudo do preconceito e do racismo. Nele, estão integrados os coordenadores do COCAP, do comitê da mulher, a *chair* do comitê de violência da IPA na Comunidade, o *chair* do comitê de diversidade sexual e de gênero e uma jovem colega a quem eu prezo muito, que está no comitê de organizações humanitárias e mora em Brasília, a Paola Amendoeira. Eles agora trabalham juntos com a questão do julgamento e racismo.

Então, nós estamos por aí, isso também é trabalho na comunidade. Eu quero dizer isso a vocês, porque nem todo mundo lê a newsletter em que anunciamos, mas estamos tentando estar próximos o tempo todo.

Assim como acho que estivemos unidos em webinar, pelo covid, com as modificações momentâneas ... acerca do requisito de presença para a formação... há um banner, um site, em nossa página. Isso é trabalho na comunidade e creio que é isso que temos de continuar fazendo o tempo todo e cada vez mais.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Transcrição e tradução: Loraine Luz

Virginia Ungar
E-mail: virginiaungar@gmail.com